



Patrícia Alexandra da Silva Vasconcelos

Transgressões ao Papel de Género Tradicional e Violência na Relação de Intimidade

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Joana Cabral

Porto

Dezembro 2018



Patrícia Alexandra da Silva Vasconcelos

Transgressões ao Papel de Género Tradicional e Violência na Relação de Intimidade

Dissertação de Mestrado

Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
07/12/2018, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira Do Vale Lamela da Silva (Prof. Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Prof.^a Doutora Andreia Patrícia Guimarães Machado (Prof.^a Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Prof.^a Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral (Prof.^a Auxiliar
da Universidade Lusófona do Porto)

Porto

Dezembro 2018

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação apenas para efeitos de investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Com o fechar de um ciclo tão importante, alguns agradecimentos não poderiam ficar em falta, desde professores, colegas e familiares. Ao longo destes 5 anos, muitas foram as pessoas que me acompanharam. Algumas ao início e que agora não encontro, outras que apareceram mais tarde e prometeram ficar. E ficaram. Junto daquelas que, durante toda uma vida, me deram a mão. A elas, é a quem agradeço de alma e coração.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, que me permitiram levar este projeto adiante e me mostraram que o querer é o suficiente para conseguir.

À minha irmã, Raquel, por nunca me ter deixado desistir e me fazer acreditar que eu sou capaz de qualquer coisa. E ao meu namorado, Samuel, que não largou a minha mão nos momentos menos bons e que tinha sempre um sorriso, um carinho e um ombro para eu descansar nesses dias, que não foram poucos. A vocês os dois, super-heróis da ansiedade, obrigada por terem sido sempre capazes de transformar lágrimas em sorrisos e confiança. Sem vocês, não seria realmente possível.

À professora Joana, orientadora desta Dissertação de Mestrado que acreditou que eu seria capaz e partilhou as suas aprendizagens.

Ao Rui, por aceitar que me juntasse à sua nova família devido à distância e me fez sempre sentir em casa.

À Ana, amiga desde sempre, que mesmo longe se manteve presente.

À minha avó, que me passou toda a força que tem!

Foram realmente muitos os dias em que quis desistir, mas a esperança da chegada deste dia esteve um bocadinho presente em cada dia de esforço.

“Sometimes I feel like giving up, but I just can’t. It isn’t in blood!” – Shawn Mendes

Obrigada!

Transgressões ao Papel de Género Tradicional e Violência na Relação de Intimidade

Resumo

No presente estudo é objeto de investigação a relação entre os papéis de género tradicionais e a violência nas relações de intimidade (VRI). Assim, o objetivo centra-se em compreender como a conformidade com os papéis de género tradicionais e a perceção de transgressões aos mesmos por parte da companheira íntima podem estar associadas a comportamentos abusivos, numa amostra do sexo masculino, em relações heterossexuais. Esta é constituída por 105 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos ($M = 33,32$, $DP = 13,031$, $Mo = 23$). Os instrumentos utilizados avaliam o impacto da perceção da desigualdade de poder associada aos papéis de género e das transgressões a estes papéis e o seu relativo impacto emocional, as crenças sobre a violência íntima, o impacto emocional da desigualdade de poder associada a estes papéis de género, a regulação emocional, as atitudes face aos papéis de género e as estratégias de resolução de conflitos positivas ou abusivas no contexto de conflitos entre parceiros íntimos. Os resultados demonstraram que os cenários hipotéticos e projetivos para avaliação da violência e da perceção de desigualdade são um instrumento relevante na investigação da VRI, e revelaram que situações de conflito associadas à perceção de transgressão aos papéis de género tradicionais põe em causa o valor próprio dos sujeitos, estando associadas com uma experiência de vergonha interna e maior probabilidade de recurso às estratégias abusivas. Verificou-se ainda que quanto maior a perceção de ameaça ao valor próprio, a vergonha interna e a atribuição a transgressão aos papéis de género tradicionais, maior será a probabilidade de recurso a comportamentos violentos. Assim sendo, o presente estudo poderá contribuir para esclarecer as dinâmicas através das quais o patriarcalismo e a desigualdade de género, expressas na socialização de papéis de género tradicionais, podem explicar o fenómeno da VRI. Daqui decorrem implicações relevantes para ampliar a intervenção a respeito do fenómeno.

Palavras-chave: estereótipos de género, violência nas relações de intimidade, patriarcalismo.

Abstract

In the present study the relationship between traditional gender and violence in intimacy relationships (VRI) is investigated. Thus, the main objective is to understand how compliance with traditional gender roles, as well as perceived intimate partner misconduct may be associated with abusive behavior, based on a sample of the masculine gender, in heterosexual relations. The sample consisted of 105 males, aged between 18 and 64 years ($M = 33,32$, $SD = 13,031$, $Mo = 23$). The instruments used evaluate the impact of the perceived power inequality associated with gender roles and the transgressions of these roles and their relative emotional impact, the beliefs about intimate violence, the emotional impact of the power inequality associated with these gender roles, emotional regulation, attitudes toward gender roles, and strategies for resolving positive or abusive conflicts in the context of conflicts between intimate partners. The results showed that the use of hypothetical and projective scenarios in the evaluation of violence and the perception of inequality are a relevant tool in the investigation of VRI, and have revealed that situations of conflict associated with perceived transgression of traditional gender roles call into question the value and are associated with an experience of internal shame and with a greater probability of using abusive strategies. It was also verified that the greater the perceived threat of self-worth, the internal shame and the attribution of transgression to traditional gender roles, the greater the likelihood of recourse to violent behavior. Thus, the present study may contribute to clarify the dynamics through which patriarchy and gender inequality, expressed in the socialization of traditional gender roles, can explain the phenomenon of VRI. Hence relevant implications for broadening intervention on the phenomenon.

Key-Words: gender stereotypes, violence in intimate relationships, patriarchalism.

Índice

Índice de Tabelas	ix
Índice de Figuras	ix
Lista de Abreviaturas.....	x
Transgressões ao Papel de Género Tradicional e Violência na Relação de Intimidade.....	11
Método.....	16
Participantes.....	16
Instrumentos.....	17
Procedimentos.....	19
Resultados.....	20
Discussão.....	25
Referências Bibliográficas.....	28

Índice de Tabelas

Tabela 1. Consistência Interna EARPG	18
Tabela 2. Consistência Interna ISS	19
Tabela 3. Consistência Interna CHAVD	19
Tabela 4. <i>Manova</i> para medidas repetidas: Comparação cenários	22
Tabela 5. Correlações de <i>Pearson</i> : Impacto cenários e Vergonha Interna	23
Tabela 6. Correlações de <i>Pearson</i> : Probabilidade de comportamentos violentos, ameaça ao valor próprio, adesão papéis de gênero tradicionais, vergonha, transgressão	24

Índice de Figuras

Figura 1. Gráfico de Comparação de Médias dos CHAVD	22
---	----

Lista de Abreviaturas

OMS – Organização Mundial de Saúde.

VRI – Violência nas Relações de Intimidade.

INE – Instituto Nacional de Estatística.

Transgressões ao Papel de Género Tradicional e Violência na Relação de Intimidade

A violência, hoje reconhecida como uma questão social e de saúde pública, é descrita no mundo inteiro como uma violação dos direitos humanos (Schraiber, D'Oliveira, & Couto, 2006). É definida pela *Organização Mundial de Saúde* (OMS) como um ato intencional em que alguém se faz valer da força ou do poder, sob a forma real ou de ameaça, com o objetivo de provocar lesões, danos psicológicos ou morte na vítima, ou algum tipo de privação, podendo ser praticado, também, por meio de intimidações, negligências e omissões (OMS, 2002; Schraiber, D'Oliveira, & Couto, 2006). Entre os diferentes tipos de violência está presente a violência nas relações de intimidade (VRI), referente à violência praticada pelo(a) companheiro(a) contra a(o) sua(eu) parceira(o) íntima(o), seja ela física, psicológica ou sexual (Bandeira, 2014; Ventura, Ferreira, & Magalhães, 2013). Este tipo de violência ocorre, assim, a partir do momento em que o sujeito invade os limites do outro (Mandelbaum, Schraiber, & D'Oliveira, 2016). Este fenómeno não é recente, tendo sido considerado um problema social durante os anos 60 (Dias, 2010). Contudo, e apesar de ser o foco de preocupação no século XX, a sua prevalência mantém-se até hoje, atingindo diferentes países e culturas (Kazdin, 2011).

Embora prevaleça a ideia de que o homem é o principal perpetrador da violência, a investigação revela que esta surge de ambos os sexos, podendo as mulheres ser tão ou mais violentas que os homens, deixando clara a bidirecionalidade da VRI (Caridade & Machado, 2006). Estudos referem que no que concerne à sua severidade, tende a verificar-se que os atos violentos praticados pelos homens provocam sequelas mais graves, estando presentes a violência física e o domínio, enquanto à mulher é frequentemente atribuída a violência psicológica (Caridade & Machado, 2013; Straus & Ramirez, 2007). No entanto, estes resultados são inconsistentes com outros estudos sendo, por isso, um tema que merece maior reflexão e investigação (Peixoto & Heilborn, 2016; Stewart *et al.*, 2014).

Em Portugal, foi na década de 90 que houve uma maior consciencialização sobre o problema da VRI. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2017), desde que há registo, a diferença de percentagem entre os sexos é bastante significativa. Dos sujeitos identificados como agressores em crimes de violência conjugal registados pela PSP e GNR, o sexo masculino mostrou-se mais significativo, mantendo-se sempre acima dos 85%. Contudo, é importante salientar que a violência praticada pelas mulheres contra os homens não é tão notória devido ao seu baixo grau de severidade e à pouca denúncia por

parte dos homens das suas parceiras por várias razões, entre elas o estigma associado à prática e a vergonha do homem em ser vítima, originando uma maior tolerância e desvalorização do problema. Assim, e independentemente de quem é o agente de perpetração, com frequência a VRI é vista como motivada e *enformada* por expressões de desigualdade baseadas na condição do género (Arias & Johnson, 1989; Mechem *et al.*, 1999).

Alguns modelos explicativos da VRI focam-se principalmente em características individuais (e.g., personalidade), tal como é o caso do modelo intrapessoal, ou da relação (e.g., insatisfação relacional), como é exemplo o modelo interpessoal, ambos referindo estas como fatores de risco na origem de atos violentos (Almeida & Soeiro, 2010; Stith *et al.*, 2000). Porém, modelos posteriores incluíram fatores socioculturais como intervenientes no fenómeno, entre os quais a dominância masculina (e.g., perspetiva feminista), a perceção de poder ou a sua ausência (e.g., modelos de poder e controlo), também a perceção de impunidade sobre os agressores, o baixo número de instituições de apoio às vítimas, bem como as crenças presentes na sociedade que legitimam a violência (Caridade & Machado, 2006; Dahlberg & Krug, 2002). No entanto, a crítica que prevalecia nestes modelos incidia no facto dos mesmos não considerarem a influência entre todos os fatores. As perspetivas ecológicas, inspiradas no modelo de Bronfenbrenner (1977, 1986) vieram propôr exatamente essa integração, ressaltando a importância das características intra e interpessoais dos indivíduos, bem como as interações com as estruturas sociais e económicas e os diferentes papéis de género que podem influenciar os comportamentos (Ali & Naylor, 2013).

O movimento feminista, fazendo uma abordagem também sociocultural, destaca a teoria do poder e do controlo, tendo contributos relevantes no âmbito da violência íntima. O modelo defende que a mesma resulta das relações de poder desiguais e opressivas entre homens e mulheres e propôs três abordagens para analisar a violência dos homens contra as mulheres, sendo elas a liberal, marxista e a radical. De acordo com aquele que é chamado o “feminismo liberal”, a violência é considerada como o ato de homens sem capacidade de adequação aos padrões de masculinidade, fazendo da violência a resposta a essa incapacidade. Já na abordagem “marxista”, a VRI é uma consequência de algo que os homens consideram desfavorável em si mesmos, como a condição socioeconómica. Por fim, o feminismo radical tenta ligar os diferentes fatores, no entanto centra-se nas diferenças de

gênero, ressaltando que a violência é a base do controle masculino sobre as mulheres (Burnight & Mosqueda, 2011; Gil *et al.*, 2015; Portela & Ratton, 2015).

As perspectivas feministas vieram desafiar diversos modelos teóricos e pressupostos científicos, levando a um processo de reconstrução teórica, isto é, iniciando a desconstrução da tradição sobre o gênero e construindo a teoria feminina, deixando de olhar apenas para o ponto de vista dos homens, mas também para o das mulheres (Prehn & Huning, 2005). De acordo com esta perspectiva, quanto mais presentes estiverem os ideais das culturas patriarcais, maior a aceitação e perpetração da violência. Assim sendo, os homens seriam sempre considerados agressores, fazendo das mulheres vítimas (Ali & Naylor, 2013; Mandelbaum *et al.*, 2016). Este modelo construiu-se a partir da experiência e opressão e discriminação vivenciada pelas mulheres, assim como da vontade pelas relações sociais emancipatórias, isto é, livres de dominação, de opressão e de exclusão. Assim sendo, a perspectiva feminista defende relações de igualdade de poder entre homens e mulheres (Santos *et al.*, 2016).

A literatura tem ainda destacado a importância de perceber de que forma os papéis de gênero, bem como a percepção que o homem tem sobre eles, influenciam o seu comportamento, desencadeando a agressividade na relação. Na sociedade atual há ainda uma normalização da agressividade exercida pelo homem e uma atribuição à mulher da faceta dócil e frágil, percepções que estão intimamente relacionadas com as concepções tradicionais de gênero (Cortez & Souza, 2008). Ao homem (forte, ativo) é atribuído todo o poder, enquanto à mulher (sensível, emotiva, passiva) é o mínimo ou mesmo nenhum, salientando que os fatores que levam à perpetração por parte do homem se centram no desejo pelo domínio e nas dificuldades de regulação emocional, recorrendo à violência com o objetivo de encontrar nas suas relações a perpetuação dos papéis de gênero tradicionais, mantendo a sua masculinidade intacta (Caridade & Machado, 2006; Cortez & Souza, 2008; Shorey *et al.*, 2011; Torrão Filho, 2005). O modelo feminista centra-se nas diferenças de gênero, fazendo um esforço por distinguir gênero e sexo, de maneira a retirar as mulheres de um “*essencialismo de natureza*” e reposicionando a questão na cultura e na sua socialização, mostrando a possibilidade do gênero ser desconstruído e reformulado. Em suma, após se compreender a construção social e cultural do gênero através do poder, as diferenças sociais e culturais existentes entre homens e mulheres passariam a ser reconhecidas como um reflexo da desigualdade de poder na vida pública e privada (Santos *et al.*, 2016).

Não obstante, recentemente a investigação tem sugerido que não se verificam diferenças ao nível dos fatores que despoletam a perpetração da VRI entre os sexos, podendo estar presentes as dificuldades na regulação emocional e no controlo, a autodefesa, elevados níveis de raiva, impulsividade, entre outros, atestando que a VRI pode ser perpetrada tanto por homens como por mulheres (Ali & Naylor, 2013; Spencer *et al.*, 2016; Stewart *et al.*, 2014; Straus, 2008).

A desigualdade social revela uma relação positivamente associada ao aumento de diversos problemas sociais, entre eles a violência. Desta forma, as sociedades mais desiguais tendem a ser mais violentas devido à qualidade das relações estabelecidas, que se revelam mais pobres, *menos coesas e mais conflituais*, em sociedades hierárquicas, isto é, onde a diferenciação entre ricos e pobres, por exemplo, é mais vincada (Gori-Maia, 2013; Wilkinson, 2004). A VRI relaciona-se com as representações sociais, na medida em que a socialização e a necessidade de pertença dos indivíduos como membros de uma sociedade pode influenciar as suas relações e as ações, que tendem a ocorrer de acordo com aquilo que é esperado naquele contexto (Ali & Naylor, 2013). Os ideais da sociedade patriarcal estão muito presentes nos papéis de género tradicionais, tornando a violência mais aceite e legitimando a violência masculina, sendo que a literatura demonstra a influência dos mesmos, e até as considera como possíveis causas primárias. Uma vez aceite, o patriarcalismo leva ao aumento da dominação e do poder por parte dos homens sobre as mulheres (Ali & Naylor, 2013; Portela & Ratton, 2015; Ventura *et al.*, 2013). Desta forma, numa sociedade onde prevalecem os papéis de género tradicionais, intensifica-se a desigualdade de género e, expectavelmente, a VRI (Dias, 2010; Machado, 2010).

Estes valores patriarcais podem, ainda, levar ao uso da violência em situações onde os agressores experienciam sentimentos de inferioridade, inadequação, baixa autoestima e rejeição, sejam estes reais ou apenas percebidos, aos quais estão fortemente associados a humilhação e a vergonha – conceptualizada como uma emoção social que surge através do julgamento dos outros e do medo de ser visto como inferior. Estes dois sentimentos são encarados como uma ameaça à identidade e à forma como o indivíduo se vê. Desta forma, a violência surge como uma forma de provar o seu valor perante a sociedade em que o indivíduo está inserido, permitindo aos homens reforçar o seu papel, força, controlo e domínio. Este sistema de crenças e valores normaliza e legitima a violência como solução para situações de conflito entre géneros. (Charlesworth *et al.*, 2004; Courtenay, 2000;

Gilligan, 2003; Jimenez & Walkerdine, 2011). Nestas sociedades onde os papéis de género tradicionais são evidentes, as relações familiares e íntimas regem-se por um conjunto de crenças e valores que levam à tolerância de atos violentos, nas situações em que é considerado que a vítima não desempenhou o seu papel conjugal ou de género da forma como ele foi socialmente construído. Este fenómeno diz respeito às chamadas transgressões de género (Dias, 2010; Machado, 2010).

Por transgressões entendem-se ações que envolvem danos ou violações de justiça ou direitos, o que de uma forma geral é percebido como inaceitável ou digno de punição, num determinado contexto social (Quintelier *et al.*, 2012). De uma posição patriarcal ou da “masculinidade hegemónica”, um exemplo de transgressão ao papel de género tradicional seria a situação profissional do homem ser menos favorecida financeira ou socialmente, o que aumentaria a probabilidade de ocorrência de atos violentos contra a parceira quando o seu emprego é inferior face ao dela, ou em situação de desemprego. Estes fatores geram sentimentos de impotência no sexo masculino, sendo que o mesmo acontece com os avanços do feminismo, uma vez que a maior igualdade de género pode aumentar os atos de violência por parte do sexo masculino, como reação contra a perda de poder e numa tentativa de manter as mulheres sob a estrutura de uma sociedade patriarcal (Connell & Messerschmidt, 2005; Portela & Ratton, 2015; Silva, Coelho, & Moretti-Pires, 2014).

A importância do estudo da VRI reside, essencialmente, no seu elevado grau de prevalência e no seu impacto na saúde. Relativamente ao fator saúde, este ramifica-se em danos físicos (e.g., saúde funcional e auto-perceção de saúde física) e psicológicos (e.g., depressão, ansiedade, perturbações do sono), *acarretando um impacto destrutivo* na qualidade de vida das vítimas (Dillon *et al.*, 2013).

Uma das novidades deste estudo será o uso de um instrumento que inclui cenários hipotéticos e projetivos de desigualdade e transgressão de género. Este é um instrumento de autorrelato projetivo, que será usado como tentativa de identificação das situações que são mais percecionadas como transgressões aos papéis de género tradicionais. Esta metodologia tem ainda o propósito de contornar os habituais efeitos da desejabilidade social, que se reconhecem como interferindo na adequada expressão e compreensão sobre a temática.

O objetivo geral do presente estudo será explorar de que forma a conformidade com os papéis de género tradicionais e a perceção de transgressões aos mesmos, por parte da companheira íntima, estão associadas ao recurso de comportamentos violentos, numa

amostra de homens em relações heterossexuais. Pretende-se, ainda, explorar as situações que são percebidas como acarretando maior transgressão e o seu impacto relativo.

De acordo com estes objetivos, destacam-se as seguintes questões de investigação: (i) que situações estão mais associadas à percepção de transgressão aos papéis de género tradicionais? E (ii) em que medida está a probabilidade percebida de recurso a comportamentos violentos associada à percepção de ameaça ao valor próprio, à adesão aos papéis de género tradicionais, à vergonha interna e à atribuição à transgressão aos papéis de género tradicionais?

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 105 indivíduos, todos do sexo masculino, com idades entre os 18 e os 64 anos ($M = 33,32$, $DP = 13,031$, $Mo = 23$). A esmagadora maioria ($n = 98$, 95,1%) era de nacionalidade portuguesa e residente na aldeia ($n = 42$, 40%). Também a grande maioria dos participantes são solteiros ($n = 64$, 61%; casados/união de facto: $n = 34$, 32,4%) encontrando-se cerca de 65,7% ($n = 69$) atualmente numa relação amorosa, e 60,3% ($n = 41$) desses têm uma relação amorosa com coabitação.

Em termos de habilitações académicas, cerca de 49,52% concluiu o ensino secundário ($n = 52$), no entanto, ao nível da situação ocupacional 66,67% encontram-se empregados ($n = 70$) e 19,05% são estudantes ($n = 20$).

No que concerne ao rendimento mensal médio dos participantes em estudo, o mesmo encontra-se entre “mais de 1000 e até 1500 euros” ($n = 32$, 30,8%), tendo 19 indivíduos (18,1%) referido que depois de pagas as suas despesas o valor restante é entre zero e 250 euros. A maioria dos participantes ($n = 57$, 54,3%) consideraram que o rendimento atual dá para viver.

Em relação aos critérios de inclusão, era necessário que os participantes tivessem idade mínima de 18 anos e que já tivessem experienciado uma relação amorosa heterossexual. Relativamente aos critérios de exclusão, constavam psicopatologia grave, défice cognitivo ou consumo de substâncias que pudessem comprometer o raciocínio na administração do protocolo.

É importante referir que uma parte dos dados da amostra se encontrava já recolhida, no âmbito de um projeto de investigação em curso na Universidade Lusófona do Porto, coordenada pela mesma orientadora.

Instrumentos

Termo do consentimento informado;

Questionário Sociodemográfico – este instrumento, construído para esta linha de investigação, permitiu recolher informações sobre os participantes, entre elas: idade, sexo, nacionalidade, estado civil, situação profissional, escolaridade, local de residência, número de elementos do agregado familiar, rendimentos, despesas, posição e suporte social.

Escala de atitudes pacíficas relativamente ao género (EARPG; Leaper & Vallin, 1996; Versão portuguesa Andrade, 2016) – permitiu avaliar os comportamentos associados às atitudes dos papéis de género e à igualdade de direitos. Dela faziam parte 25 itens, divididos em dois fatores. As respostas foram avaliadas por uma escala tipo *Likert* de quatro pontos, em que um correspondia a *concordo totalmente* e quatro a *discordo totalmente*. Assim sendo, quanto maior a pontuação total, maiores seriam as atitudes relativamente à igualdade de género.

Escala de Vergonha Interna (ISS; Cook, 1996; Versão Portuguesa Matos & Pinto-Gouveia, 2006) – permitiu avaliar sentimentos de vergonha interna, dispondo de 30 itens e composta por duas subescalas, tendo sido uma de vergonha interna (24 itens) e outra de autoestima. Solicitou-se ao participante que preenchesse o questionário de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, em que zero correspondia a *nunca* e quatro a *quase sempre*. Desta forma, pontuações elevadas nesta escala significavam maior vergonha interna.

Cenários Hipotéticos de Avaliação da Violência e da Desigualdade (CHAVD; Cabral, Pereira, & Oliveira, 2017) – é uma medida projetiva e exploratória que permitiu avaliar o impacto emocional de situações de desigualdade percebida e de potencial transgressão de género, assim como os comportamentos que são desencadeados pelas mesmas situações, todos escritos na 3ª pessoa. Dois destes não implicam situações de desigualdade de género, mas apenas conflitos relacionais – um em que o valor do homem foi colocado em causa no contexto de uma *comparação* genérica com outro homem e outro relativo a um conflito sem disputa de valor ou poder. Entre os cenários que representam situações de assimetria de poder ou desigualdade e uma potencial transgressão de género,

um representou o estereótipo da sociedade patriarcal quanto à divisão das tarefas domésticas e outro que apresentou uma pequena transgressão ao papel de género. Aos quatro cenários deste instrumento, foi acrescentado mais um também ilustrativo, de uma potencial transgressão, de forma a complementar o estudo, sendo composto pelas mesmas alternativas de resposta que os já existentes. Em cada cenário o participante explicou como a personagem se sentiu e comportou através da percepção de ameaça face ao valor próprio em relação com o sentimento de se sentir inferior, incompetente e envergonhado; através da percepção de ameaça à relação que avaliou os sentimentos de rejeição e insegurança por parte do parceiro; e da percepção de recurso a comportamentos violentos relacionada com a utilização de estratégias agressivas. Por fim, foram ainda avaliadas as razões que despoletavam os comportamentos agressivos. Para a realização deste estudo, apenas foram utilizadas as dimensões de percepção de ameaça ao valor próprio, percepção de ameaça à relação e a percepção de recurso a comportamentos violentos. Todas as respostas obtidas foram avaliadas através de uma escala tipo *Likert*, de um (pouco provável) a cinco (muito provável).

1. Análise de Consistência Interna

A determinação da fidelidade foi verificada utilizando o método de consistência interna. O *alpha de Cronbach* deve ser superior a 0,70, conforme sugerido por Pestana e Gageiro (2008) (Tabela 1), que nos indica fidelidade, correlação e homogeneidade dos itens, permitindo um grau de confiança e exatidão dos mesmos valores ao longo do tempo. Nas tabelas posteriores estão apresentadas a distribuição e a consistência interna das dimensões em estudo, cujos resultados sugerem valores de *alpha de Cronbach* superiores a 0,70, indicando muito boa consistência interna em todas as dimensões dos instrumentos em estudo.

1.1. Escala de atitudes pacíficas relativamente ao género (EARPG)

Tal como se verifica na tabela 2, os dados revelaram boa consistência interna na subescala atitude de valorização tradicional de papéis (16 itens; $\alpha = .851$).

Tabela 1
Consistência Interna EARPG

	Média	dp	Nr. Itens	(α) Cronbach
Atitude de valorização tradicional de papéis	1.77	.43	16	.851

1.2. Escala de Vergonha Interna (ISS)

Na subescala vergonha interna, o *alpha de Cronbach* revelou muito boa consistência interna (24 itens; $\alpha = .975$).

Tabela 2

Consistência Interna ISS

	Média	dp	Nr. Itens	(α) Cronbach
Vergonha Interna	.98	.88	24	.975

1.3. Cenários Hipotéticos de Avaliação da Violência e da Desigualdade (CHAVD)

Como se pode confirmar na tabela 4, os valores apresentados pelo *alpha de Cronbach* revelam muito boa consistência nas várias dimensões do instrumento: percepção de ameaça ao valor próprio (15 itens; $\alpha = .916$), estratégias agressivas (10 itens; $\alpha = .902$) e atribuições a transgressões ao papel de género tradicional (5 itens; $\alpha = .879$).

Tabela 3

Consistência Interna CHAVD

	Média	dp	Nr. Itens	(α) Cronbach
Percepção de ameaça ao valor próprio	2.93	.99	15	.916
Probabilidade de recurso a comportamentos violentos	2.10	.97	10	.902
Atribuição a transgressão aos papéis de género tradicionais	1.98	.83	5	.879

Procedimentos

Para a realização do presente estudo, os dados foram recolhidos através do método *online*, com uma amostra da comunidade. Esta recolha foi realizada através da disponibilização de um protocolo para o sexo masculino na plataforma informática *Google Forms*. A divulgação do mesmo foi realizada através de *e-mail* e redes sociais. Todos os participantes do estudo foram informados acerca dos objetivos do mesmo, do anonimato e da confidencialidade através da entrega de um consentimento informado à parte do protocolo, não sendo anexado no mesmo, bem como de que poderão aceder aos resultados do estudo caso tenham interesse.

Para a apresentação dos dados recorreu-se ao uso de tabelas e gráficos, com os respetivos dados estatísticos antecédidos de análise.

A análise estatística e inferencial dos dados foi realizada através de estatística descritiva e inferencial, utilizando-se o *software IBM Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS 24.0).

Todos os procedimentos foram realizados de acordo com a lei da Proteção de Dados Pessoais n. 67/98 de 26 de outubro e Deliberação N° 227/2007, assim como o código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), especificamente o artigo 7.

Resultados

Inicialmente foi realizada a análise dos testes de pressupostos para cada uma das questões de investigação. Apesar de os testes de normalidade não revelarem uma distribuição normal ($p > .05$), os valores de assimetria e curtose encontram-se dentro dos valores tolerados para a utilização dos testes paramétricos ($Sk < |3|$; $Ku < |10|$; Kline, 2011).

Q11: Que situações estão mais associadas à perceção de transgressão aos papéis de género tradicionais?

De forma a identificar qual ou quais dos cenários de conflito e desigualdade foram sentidos como mais impactantes para os participantes, no que respeita à perceção de ameaça ao seu valor próprio, foi realizada uma *Manova* para medidas repetidas. Seguidamente, foi utilizado o teste *T-Student* para analisar entre quais cenários se encontravam diferenças significativas.

O cenário 1 aborda uma transgressão baseada nas diferenças ao nível do estatuto profissional entre marido e mulher. Este cenário é aquele que mais afeta os participantes em estudo, no que respeita à perceção de ameaça ao seu valor próprio ($M = 3.28$; $p = .00$).

Relativamente ao cenário 2, este é sustentado por um conflito que não envolve uma desigualdade na distribuição do poder na relação e que, à partida não seria percebido como uma transgressão aos papéis de género tradicionais. Como esperado, este gera um impacto substancialmente inferior ao dos restantes cenários ($M = 2.29$; $p = .00$). Em comparação com o cenário 3 não se verificam-se diferenças significativas ($t(104) = 1.04$; $p = .30$), sendo o impacto entre ambos muito semelhante, o que não seria esperado uma vez que o cenário 2 é considerado um cenário neutro, mas o cenário 3 implica uma transgressão. A comparação e análise entre ambos ajuda a esclarecer o tema da divisão das tarefas domésticas. Também

não se verificam diferenças significativas entre o cenário 2 e o cenário 5 ($t(63) = 1.95; p = .06$), ao contrário daquilo que era esperado. Este cenário apresenta diferenças estatisticamente significativas quando comparado com o cenário 1 ($t(104) = 8.17; p = .00$) e com o cenário 4 ($t(104) = 7.19; p = .00$).

Sendo o Cenário 3 uma transgressão baseada na divisão de tarefas domésticas, seria esperado que este afetasse os participantes ao nível da ameaça ao seu valor próprio, no entanto, este cenário não apresenta impacto estatisticamente superior quando comparado com os restantes ($M = 2.39; p = .00$). É importante referir que este afeta ainda menos que o Cenário 5, em que está presente, como referido, um conflito que envolve ciúmes, não apresentando diferenças significativas ($t(63) = -1.36; p = .18$), no entanto, revelam-se diferenças significativas com o cenário 1 ($t(104) = 7.24; p = .00$) e com o cenário 4 ($t(104) = -6.64; p = .00$).

O cenário 4 tem por base uma situação relativa ao acesso privilegiado a uma carreira profissional em função do género, onde a parceira consegue um cargo que o parceiro considera destinado a homens. Este cenário é o segundo com maior impacto nos participantes, depois do Cenário 1 ($M = 3.15; p = .00$). Quando comparado com o cenário 5, que envolve, de forma menos explícita, uma transgressão uma vez que aborda uma questão de ciúmes e controle, em que a namorada manifesta o desejo de manter contacto com um amigo de infância que já havia sido seu namorado, revela diferenças estatisticamente significativas ($t(63) = 5.10; p = .00$).

Por fim, o último cenário (5) tem impacto nos sujeitos, no entanto não se revela estatisticamente significativo ($M = 2.57; p = .18$). Também apresenta diferenças estatisticamente significativas com o cenário 1 ($t(63) = 6.02; p = .00$), sendo o seu impacto menor.

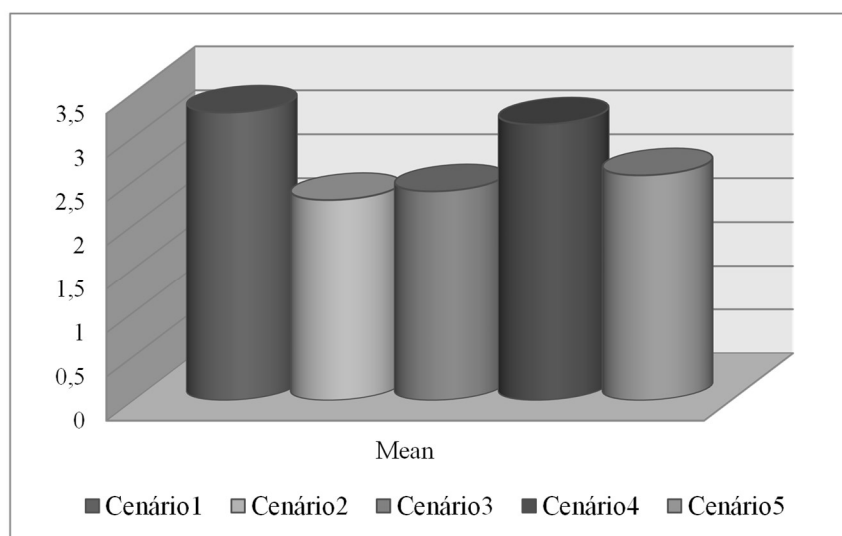


Figura 1. Gráfico de Comparação de Médias dos CHAVD

Tabela 4

Manova para medidas repetidas: Comparação cenários

	Cenário 2		Cenário 3		Cenário 4		Cenário 5	
	M	dp	M	dp	M	dp	M	dp
Cenário 1	3.28	1.11	.99 $t(104) = 8.17$	1.24	.89 $t(104) = 7.24$	1.26	.12 $t(104) = 1.18$	1.02 $t(63) = 6.02$
Cenário 2	2.29	.98	-		.10 $t(104) = 1.04$	1.00	.87 $t(104) = 7.19$	1.24 $t(63) = 1.95$
Cenário 3	2.39	1.01	.10 $t(104) = 1.04$	1.00	-		-.77 $t(104) = -6.64$	1.19 $t(63) = -1.36$
Cenário 4	3.15	1.23	.87 $t(104) = 7.19$	1.24	-.77 $t(104) = -6.64$	1.19	-	
Cenário 5	2.57	1.15	.28 $t(63) = 1.95$	1.15	-.18 $t(63) = -1.36$	1.07	.58 $t(63) = 5.10$	.91

Como forma de responder à primeira questão de investigação, isto é, explorar a percepção dos cenários como transgressão, testaram-se a associação entre a adesão aos papéis de género tradicionais (medida através de instrumento de auto-relato), a atribuição do comportamento agressivo às transgressões de género e o impacto emocional dos cenários, através de correlações de *Pearson*.

A análise dos dados revelou que não existe correlação entre a atribuição do comportamento agressivos às transgressões de género e a adesão aos papéis de género tradicionais quando medidos através de instrumento de auto-relato ($r = .17, p = .18$).

No entanto, relativamente à vergonha interna, os cenários que se revelaram mais associados a esta foram o cenário 4, o cenário 5, o cenário 1 e o cenário 3. A associação entre o cenário 2 e a vergonha não foi, no entanto, significativa. Desta forma, parece haver uma associação entre as situações de conflito, associadas à assimetria de poder na relação e/ou a transgressões à forma como estas põem em causa o valor próprio do sujeito e uma experiência genérica e subjetiva de vergonha interna.

Tabela 5

Correlações de Pearson: Impacto cenários e Vergonha Interna

	Cenário 1		Cenário 2		Cenário 3		Cenário 4		Cenário 5	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Vergonha Interna	.289**	.01	.168	.09	.206*	.04	.378**	.00	.328**	.01

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Q12: Em que medida está a probabilidade percebida de recurso a comportamentos violentos associada à percepção de ameaça ao valor próprio, à adesão aos papéis de género tradicionais, à vergonha interna e à atribuição à transgressão aos papéis de género tradicionais?

Para analisar qual dos cinco Cenários Hipotéticos de Avaliação da Violência e da Desigualdade foi o que mais afetou os participantes em estudo ao nível da ameaça à relação, foi realizada uma *Manova* para medidas repetidas. Seguidamente, foi utilizado o teste *T-Student* para analisar entre quais cenários se encontravam diferenças significativas.

Os resultados do impacto assemelham-se aos do que respeitam à ameaça ao valor próprio em todos os cenários, voltando a ser o Cenário 1 aquele que mais afetou os homens que participaram no estudo ($M = 3.43$), assim como o Cenário 2 foi aquele que teve um menor impacto ($M = 2.31$), como era esperado devido às suas características. No entanto, o Cenário 5 ($M = 3.36$) teve um maior impacto que o Cenário 4 ($M = 3.09$).

De forma a verificar onde se encontram estas diferenças, foi realizado o teste *T-Student*. Os dados revelaram que apenas não existem diferenças significativas entre o Cenário 1 e 5 ($t(63) = .11, p = .92$).

Para responder à segunda questão de investigação, foi realizada a correlação de *Pearson* entre as variáveis probabilidade de comportamento violento, adesão aos papéis de

gênero tradicionais, vergonha interna e atribuição à transgressão aos papéis de gênero tradicionais.

A análise dos dados revelou que não existe qualquer correlação entre a adesão aos papéis de gênero tradicionais, quando medidos através de instrumento de auto-relato, e as restantes variáveis em estudo ($p > .05$). No entanto, verificam-se correlações positivas entre as outras variáveis em estudo.

A variável de percepção de ameaça ao valor próprio encontra-se fortemente associada à probabilidade de comportamento violento ($r = .688, p = .00$), à vergonha interna ($r = .335, p = .00$), de forma moderada, e à atribuição à transgressão aos papéis de gênero tradicionais ($r = .584, p = .00$). Assim sendo, maior percepção de ameaça ao valor próprio leva a uma maior probabilidade de comportamento violento, a maiores níveis de vergonha interna e a uma maior atribuição de transgressão aos papéis de gênero tradicionais.

Relativamente à probabilidade de comportamento violento, esta encontra-se associada à vergonha interna ($r = .243, p = .01$), ainda que seja uma correlação fraca, e fortemente associada à atribuição à transgressão aos papéis de gênero tradicionais ($r = .737, p = .00$). Desta forma, quanto maior a vergonha interna e a atribuição à transgressão aos papéis de gênero tradicionais, maior a probabilidade de comportamento violento.

No que diz respeito à vergonha interna, esta variável encontra-se correlacionada, de forma moderada, com a atribuição a transgressão aos papéis de gênero tradicionais ($r = .270, p = .03$), para além das correlações anteriormente referidas.

Em conclusão, os fatores que mais se associam a uma percepção de maior predisposição ao uso de comportamentos violentos são a atribuição à transgressão aos papéis de gênero tradicionais, a percepção de ameaça ao valor próprio e a vergonha interna.

Tabela 6

Correlação de Pearson: Probabilidade de comportamentos violentos, ameaça ao valor próprio, adesão papéis de gênero tradicionais, vergonha, transgressão

	Perceção de ameaça ao valor próprio		Adesão aos papéis de gênero		Vergonha Interna		Atribuição a transgressão aos papéis de gênero	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Probabilidade de recurso a comportamentos violentos	.688**	.00	.169	.085	.243*	.01	.737**	.00

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Discussão

A violência nas relações de intimidade é um fenómeno já muito estudado, principalmente sob o olhar do homem enquanto agressor e da mulher enquanto vítima. No entanto, o contributo da socialização de papéis de género à luz da norma patriarcal, embora teorizada, tem sido pouco estudada, nomeadamente através de uma operacionalização da perceção e do impacto das transgressões aos papéis de género tradicionais. Nesse sentido, o presente estudo visa compreender quais são os conflitos e situações percebidas como transgressões aos papéis de género tradicionais, qual o seu impacto emocional e para o valor próprio, e em que medida poderão predispor para a VRI.

A análise dos resultados obtidos demonstra que as situações que são mais percebidas como uma transgressão aos papéis de género tradicionais por parte do sexo masculino estão principalmente relacionadas com o estatuto profissional de cada um, resultados estes que vão de encontro a estudos que referem o facto de o homem se encontrar desempregado ou num emprego percecionado por ele como inferior ao da parceira gera sentimentos de impotência e estas situações podem ser encaradas como perda de poder, gerando violência (Portela & Ratton, 2015; Silva, Coelho, & Moretti-Pires, 2014;). Verifica-se que o cenário que causou maior impacto nos participantes em estudo retratava um casal em que a parceira tem um cargo superior, e o companheiro um emprego na área dos serviços de apoio ao cliente. Seguidamente, o cenário que mais afetou os mesmos era baseado numa disputa entre um casal pelo acesso a uma profissão socialmente prestigiada e tradicionalmente mais ocupada por homens, em que a mulher foi a selecionada em detrimento do parceiro. Atualmente, verificam-se ainda crenças baseadas nos papéis de género tradicionais, em que os homens detinham o poder e as mulheres não exerciam qualquer tipo de funções em lugares superiores aos dos homens (Caridade & Machado, 2006). Assim, os resultados são consistentes com o estudo de Silva, Coelho e Moretti-Pires (2014) sendo que sugerem que um cargo de elevado prestígio social e elevada responsabilidade é ainda percebido como um emprego destinado à população masculina, como mostram os resultados do presente estudo em que os homens se mostraram afetados com o cenário de uma mulher nesse mesmo cargo.

Uma importante diferença fez-se sentir relativamente ao tema da divisão de tarefas domésticas, num cenário em que estas são exigidas pela mulher ao seu parceiro pelo facto de esta ter uma vida profissional mais exigente e de este trabalhar a partir de casa. De acordo com o cenário em causa, era esperado que este tivesse um impacto na perceção de ameaça

ao valor próprio dos participantes em estudo. No entanto, o impacto deste cenário revelou-se muito semelhante àquele que não abordava qualquer transgressão, isto é, demonstrando-se praticamente como um cenário neutro. Este resultado poderá sugerir uma normalização e até desvalorização destas disputas entre o casal que já não coloca em causa o papel de género e o poder associado por parte do homem, e por isso não é por eles percebido como uma transgressão, tal como no estudo de Mota-Santos, Neto, Oliveira e Andrade (2018), em que os autores ressaltam a ideia de que as mulheres continuam a não ter com quem dividir as tarefas domésticas, independentemente da sua situação profissional.

O presente estudo permitiu ainda confirmar a existência de uma relação significativa entre a perceção de ameaça ao valor próprio, a vergonha interna, a atribuição a transgressão aos papéis de género tradicionais e a probabilidade de recurso a comportamentos violentos, tal como esperado, sugerindo que os valores patriarcais e as situações de desigualdade percebida podem contribuir para que os homens experienciem sentimentos de humilhação, inferioridade e vergonha, que associam à perda de valor social, gerando assim ansiedade, injustiça e vingança que podem despoletar comportamentos violentos (Charlesworth *et al.*, 2004; Jimenez & Walkerdine, 2011). Este resultado é consistente com o estudo de Pereira (2017), que revela que o uso da violência é uma consequência destes sentimentos devido à conformidade com os papéis de género tradicionais. Desta forma, quanto maior for a presença dos ideais das sociedades patriarcais e, consequentemente, a adesão aos papéis de género tradicionais, maior será a perpetração da violência, quando os atos das mulheres são vistos como uma transgressão àquele contexto por parte do homem e considerado um dano (Quintelier, Fessler, & Smet, 2012). A violência poderá, então, surgir como um meio para a obtenção de poder ou como meio de defesa à própria identidade que foi percecionada como posta em causa (Ali & Naylor, 2013; Gilbert, 2003; Ventura *et al.*, 2013; Wolf *et al.*, 2014).

Considerando a globalidade dos resultados obtidos com o presente estudo, as variáveis constituintes são fundamentais e poderão ser uma mais valia para explicar a VRI, assim como permitir uma melhor compreensão e intervenção no fenómeno.

O recurso aos cenários hipotéticos e a uma metodologia projetiva, considerados uma das inovações no presente estudo, também se revelaram um instrumento relevante para explicação da VRI devido ao forte impacto que tiveram nos participantes em estudo. Importa destacar a ausência de correlações significativas com a adesão aos papéis de género tradicionais, que contrasta com a obtenção de correlações significativas com a atribuição à

transgressão aos papéis de género tradicionais, quando medidas pelos cenários. Isto pode ser explicado pela reduzida amostragem da investigação ou pelo facto de que o instrumento pode ser mais sensível à desejabilidade social e estar desatualizado quanto às formas mais atuais de patriarcalismo.

Ao longo da investigação, algumas limitações metodológicas podem ter influenciado os resultados. Entre elas está a extensão do protocolo, que se revelou exaustivo, de acordo com afirmações de participantes mais próximos, levando os sujeitos à desistência ou a respostas aleatórias. Desta forma, caso o questionário tivesse sido construído de outra forma e com um número menor de instrumentos, a amostra poderia ter sido mais ampla em número e representatividade e teria, assim, garantido uma maior variabilidade dos fenómenos.

Outro fator importante que pode ter influenciado os resultados obtidos está no facto de existirem menos 41 sujeitos nas análises ao Cenário 5, devido à amostra que havia sido recolhida anteriormente no âmbito da mesma investigação e à elaboração do cenário para maior consistência do instrumento, fazendo com que os dados já recolhidos não contassem com esse cenário extra. O facto de o mesmo não ter o impacto esperado pode-se dever à amostra.

Para investigações futuras, é importante apostar em programas de intervenção para agressores, e não só para vítimas, bem como para os familiares de ambas as partes. Ao nível dos agressores, seria fundamental que os programas de intervenção passassem pela desconstrução de crenças que podem predizer o recurso a comportamentos violentos, tais como a perceção de ameaça ao seu valor próprio e na sociedade. Ao nível das vítimas de violência, é essencial um maior apoio, como forma de incentivar a denúncia por parte das mesmas e garantir a segurança necessária para o efeito, que não se mostra, ainda, suficiente. Por fim, a intervenção com familiares devia basear-se num estado de alerta, não só para com as vítimas, mas também para com os agressores, de forma prevenir os comportamentos e não a remediá-los.

Referências Bibliográficas

- Ali, P. A., & Naylor, P. B. (2013). Intimate partner violence: A narrative review of the feminist, social and ecological explanations for its causation. *Aggression and Violent Behavior, 18*, 611-619. doi:10.1016/j.avb.2013.07.009
- Almeida, I., & Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica, 1*(28), 179-192.
- Andrade, C. (2016). Adaptation and Factorial Validation of the Attitudes Toward Gender Roles Scale. *Paidéia, 26*(63), 7-14.
- Arias, I., & Johnson, P. (1989). Evaluations of Physical Aggression Among Intimate Dyads. *Journal of Interpersonal Violence, 4*(3), 298-307.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de Género: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado, 29*(2), 449-469.
- Burnight, K., & Mosqueda, L. (2011). Theoretical Model Development in Elder Mistreatment. California: *University of California, Irvine, School of Medicine, Program in Geriatrics*. 1-35.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 4*(24), 485-493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 27*, 91-113.
- Charlesworth, S. J., Gilfillan, P., & Wilkinson, R. (2004). Living inferiority. *British Medical Bulletin, 69*, 49-60. doi:10.1093/bmb/ldh003
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic Masculinity. *Gender & Society, 19*(6), 829-859. doi:10.1177/0891243205278639
- Cook, D. R. (1996). Empirical studies of shame and guilt: The Internalized Shame Scale. D. L. Nathanson (Ed.), *Knowing feeling, affect, script and psychotherapy*. New York: W. W. Norton & Company, 132-165.
- Cortez, M. B., & Souza, L. (2008). Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*(2), 171-180.

- Courtenay, W. H. (2000). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social Science & Medicine*, 50, 1385-1401. doi:10.1016/S0277-9536(99)00390-1
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2002). Violence – a global public health problema. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy A. B. Zwi & R. Lozano (Eds.), *World report on violence and health* (pp. 1-22). Geneva: World Health Organization.
- Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 20, 245-262.
- Dillon, G., Hussain, R., Loxton, D., & Rahman, S. (2013). Mental and Physical Health and Intimate Partner Violence against Women: A Review of the Literature. *International Journal of Family Medicine*. 1-15.
- Gil, A. P., Santos, A. J., Nicolau, R., & Santos, C. (2015). Fatores de risco de violência contra as pessoas idosas: consensos e controvérsias em estudos de prevalência. *Revista Configurações*, 16, 74-95.
- Gilbert, P. (2003). Evolution, Social Roles, and the Differences in Shame and Guilt. *Social Research*, 70(4), 1205-1230.
- Gilligan, J. (2003). Shame, Guilt, and Violence. *Social Research*, 70(4), 1149-1180.
- Gori-Maia, A. (2013). Relative Income, Inequality and Subjective Wellbeing: Evidence for Brazil. *Social Indicators Research*, 113, 1193-1204.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional Assessment of Emotion Regulation and Dysregulation: Development Factor Structure, and Initial Validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54.
- Instituto Nacional de Estatística, 2017.
- Jiminez, L., & Walkerdine, V. (2011). A psychosocial approach to shame, embarrassment and melancholia amongst unemployed young men and their fathers. *Gender and Education*, 23(2), 185-199. doi:10.1080/09540253.2010.490202
- Kazdin, A. E. (2011). Conceptualizing the Challenge of Reducing Interpersonal Violence. *Psychology of Violence*, 1(3), 166-187. doi:10.1037/a0022990

- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modelling*. (3rd. Ed.). New York: Guilford Press
- Leaper, C., & Vallin, D. (1996). Predictors of Mexican American Mothers' and Fathers' Attitudes Toward Gender Equality. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 18(3), 343-355.
- Machado, L. M. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa (UFP), Porto, Portugal.
- Maldelbaum, B., Schraiber, L. B., & D'Oliveira, A. F. (2016). Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de género. *Saúde e Sociedade*, 25(2), 422-430. doi:10.1590/S0104-12902016145768
- Mechem, C. C., Shofer, F. S., Reinhard, S. S., Hornig, S., & Datner, E. (1999). History of domestic violence among male patients presenting to an urban emergency department. *Academic Emergency Medicine*, 6(8), 786-791. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10463549>
- Mota-Santos, C., Neto, A. C., Oliveira, P., & Andrade, J. (2018). Reforçando a contribuição social de género: a servidora pública qualificada *versus* a executiva. *Revista de Administração Pública*, 1-37.
- OMS (2002). *Rapport mondial sur la violence et la santé*. Genève: OMS.
- Peixoto, M. M., & Heilborn, M. L. (2016). Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiências de sofrimento. *Estudos Feministas*, 24(1), 45-62.
- Pereira, B. R. O. (2017). *Vergonha e Humilhação como Precipitantes da Violência Íntima num Contexto de Desigualdade Social*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona do Porto (ULP), Porto, Portugal.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Portela, A. P., & Ratton, J. L. (2015). A teoria social feminista e os homicídios: o desafio de pensar a violência letal contra as mulheres. *Contemporânea*, 5(1), 93-118.

- Prehn, D. R., & Huning, S. M. (2005). O Movimento Feminista e a Psicologia. *Revista Psicologia Argumento*, 23(42), 65-71.
- Quintelier, K. J. P., Fessler, D. M. T., & Smet, D. (2012). The case of the drunken sailor: On the generalisable wrongness of harmful transgressions. *Thinking & Reasoning*, 18(2), 183-195.
- Santos, L. C., Carvalho, A. B., Amaral, J. G., Borges, L. A., & Mayorga, C. (2016). Gênero, Feminismo e Psicologia Social no Brasil: Análise da Revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 589-603.
- Scharaiber, L. B., D'Oliveira, A. F., & Couto, M. T. (2006). Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Revista Saúde Pública*, 40, 112-120.
- Silva, A. C. L. G., Coelho, E. B. S., & Moretti-Pires, R. O. (2014). O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática. *Ver Panam Salud Publica*, 35(4), 278-283.
- Shorey, R. C., Brasfield, H., Febres, J., & Stuart, G. L. (2011). An Examination of the Association between Difficulties with Emotion Regulation and Dating Violence Perpetration. *Journal of Agression Maltreatment & Trauma*, 20(8), 870-885. doi:10.1080/10926771.2011.629342
- Spencer, C., Cafferky, B., & Stith, S. M. (2016). Gender Differences in Risk Markers for Perpetration of Physical Partner Violence: Results from a Meta-Analytic Review. *Journal of Family Violence*, 31(8), 981-984. doi:10.1007/10896-016-9860-9
- Stewart, L. A., Gabora, N., Allegri, N., & Slavin-Stewart, M. C. (2014). Profile of Female Perpetrators of Intimate Partner Violence in an Offender Population: Implications for Treatment. *Partner Abuse*, 2(5), 168-188. doi:10.1891/1946-6560.5.2.168
- Stith, S. M., Rosen, K. H., Middleton, K. A., Bush, A. L., Lundeberg, K., & Carlton, R. P. (2000). The Intergenerational Transmission of Spouse Abuse: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and Family*, 62, 640-654. doi:10.1111/j01741-3737.2000.00640.x
- Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth Services Review*, 30, 252-275. doi:10.1016/j.childyouth.2007.10.004

- Straus, M. A., & Ramirez, I. I. (2007). Gender symmetry in prevalence, severity and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in México and USA. *Family Research Laboratory*, University of New Hampshire. doi:10.1002/ab.20199
- Torrão, F. A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *cadernos pagu*, (24), 127-152.
- Ventura, M. C., Ferreira, M. M. & Magalhães, M. J. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(11), 95-103.
- Wilkinson, R. (2004). Why is Violence More Common Where Inequality is Greater? *Annals New York Academy of Sciences*, 1036, 1-12.
- Wolf, A, Gray, R., & Fazel, S. (2014). Violence as a public health problema: Na ecological study of 169 countries. *Social Science & Medicine*, 104, 220-227.